



LISA  
KLEYPAS

TENTAÇÃO AO  
PÔR DO SOL

Os Hathaways 3





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Para Teresa Medeiros.*

*Na estrada da vida, é você a amiga que me guia para  
evitar buracos, desvios e sinais vermelhos.*

*O mundo é um lugar melhor porque você existe.*

*Sempre com amor,*

*L.K.*

# CAPÍTULO 1

*Londres*  
*Hotel Rutledge*  
*Maio de 1852*

**A**s chances de Poppy Hathaway conseguir um casamento satisfatório estavam prestes a ser arruinadas – e tudo por causa de um furão.

Infelizmente ela havia perseguido Dodger por metade do hotel antes de se dar conta de que o bicho, como era de sua natureza, seguia em zigue-zague.

– Dodger – chamou Poppy em desespero. – Volte. Eu lhe darei um biscoito. Ou uma das minhas fitas de cabelo, *qualquer coisa!* Ah, eu vou transformá-lo em uma echarpe...

Poppy jurou que, assim que capturasse o animal de estimação da irmã, avisaria à gerência do hotel que Beatrix abrigava criaturas selvagens na suíte da família, o que com toda a certeza contrariava as normas do estabelecimento. É claro que isso poderia resultar na expulsão de todo o clã Hathaway das instalações.

Mas, no momento, ela não estava se importando com isso.

Dodger roubara uma carta de amor que lhe fora enviada por Michael Bayning, e nada no mundo era mais importante do que recuperá-la. Só faltava Dodger deixar aquela maldita carta em algum lugar público onde fosse descoberta.

E Poppy perderia para sempre a chance de se casar com um jovem respeitável e maravilhoso.

Dodger disparou pelos corredores luxuosos do hotel Rutledge em movimentos sinuosos, longe do alcance de Poppy. A carta estava nas longas presas dianteiras do animal.

Enquanto corria atrás dele, Poppy rezava para não ser vista. Não importava que o hotel fosse bastante conceituado: uma jovem respeitável jamais deveria sair sozinha de sua suíte. Porém, a Srta. Marks, sua acompanhante, ainda estava na cama. E Beatrix fora dar um passeio bem cedo com Amelia, a irmã mais velha.

– Você vai me pagar por isso, Dodger!

O animal travesso achava que tudo no mundo fora criado para diverti-lo. Não havia cesto ou recipiente que ele deixasse de remexer ou virar de cabeça para baixo, nem meias, pentes ou lenços que lhe passassem despercebidos.

Dodger roubava pertences pessoais e os deixava em pilhas sob cadeiras e sofás, tirava soneca nas gavetas de roupas limpas e, pior de tudo, era tão divertido em suas estrepolias que toda a família Hathaway estava sempre relevando seu comportamento.

Quando Poppy reclamava das traquinagens do furão, Beatrix sempre se desculpava prometendo que ele não voltaria a agir daquele jeito, e parecia sinceramente surpresa quando Dodger não dava ouvidos a seus sermões rigorosos. Mas como amava muito a irmã caçula, tentara conviver com aquele mascote tão inoportuno.

Dessa vez, porém, Dodger fora longe demais.

O furão parou em um canto, olhou em volta para ter certeza de que ainda estava sendo perseguido e, em sua empolgação, fez uma pequena dança da guerra, uma série de saltos laterais que exprimiam pura alegria. Mesmo naquele momento, quando queria assassiná-lo, Poppy não conseguia deixar de reconhecer que ele era adorável.

– Ainda assim você vai morrer – disse-lhe, aproximando-se da forma menos ameaçadora possível. – Entregue-me a carta, Dodger.

O furão atravessou correndo as colunas de um fosso de ventilação que espalhava sua luz por três andares até o mezanino. Com raiva, Poppy se perguntou até onde precisaria persegui-lo. Ele podia ir bem longe, e o Rutledge era uma construção imensa, que ocupava cinco quarteirões inteiros no bairro dos teatros.

– *Isso* – balbuciou ela baixinho – é o que acontece quando se faz parte da família Hathaway. Transtornos... animais selvagens... incêndios... maldições... escândalos...

Poppy amava muito sua família, mas também sonhava com uma vida tranquila, normal, o que não parecia possível para um Hathaway. Queria paz. Previsibilidade.

Dodger atravessou a entrada dos escritórios do Sr. Brimbley, o supervisor do terceiro andar. Era um homem idoso com um bigode branco e farto, de pontas cuidadosamente enceradas. Como os Hathaways já haviam se hospedado no Rutledge muitas vezes, Poppy sabia que Brimbley relatava aos superiores todos os detalhes do que ocorria em seu andar. Se ele descobrisse o que ela estava procurando, confiscaria a carta – e o relacionamento de Poppy com Michael seria revelado. E o pai de Michael, lorde Andover, nunca aprovaria aquela união se houvesse a mínima suspeita de comportamento inapropriado.

Poppy retomou o fôlego e se encostou na parede, enquanto Brimbley deixava seu escritório com dois funcionários do hotel.

– Vá direto à recepção. Imediatamente, Harkins – dizia. – Quero que investigue a questão relativa às cobranças feitas para o quarto do Sr. W. Ele costuma alegar que estão incorretas, ainda que, de fato, estejam certas. De agora em diante, acho que o melhor é fazer com que ele assine um recibo sempre que consumir algo.

– Sim, Sr. Brimbley.

Os três homens seguiram pelo corredor, afastando-se de Poppy.

Com cuidado, ela se esgueirou até a entrada dos escritórios e espiou pelo umbral. Os dois gabinetes interligados pareciam desocupados.

– *Dodger!* – sussurrou ela com urgência e o viu esconder-se debaixo de uma cadeira. – Dodger, estou mandando você vir aqui!

O que, é claro, fez com que o animal desse mais pulinhos empolgados.

Mordendo o lábio inferior, Poppy atravessou a soleira. O escritório principal era espaçoso e mobiliado com uma escrivaninha imensa apinhada de livros contábeis e papéis. Uma poltrona estofada de couro bordô fora empurrada em direção à mesa, enquanto outra estava junto a uma lareira vazia com um console de mármore.

Dodger estava ao lado da escrivaninha, observando Poppy com olhos brilhantes. Os bigodes dele se contorciam sobre a cobiçada carta. Ele ficou bem quieto, sustentando o olhar de Poppy enquanto ela se aproximava aos poucos.

– Isso mesmo – ela o tranquilizou, estendendo a mão lentamente. – Você é um bom garoto, um belo garoto... espere bem aí e eu vou pegar a carta, levá-lo de volta ao quarto e lhe dar... *Argh!*

No instante em que ela ia segurar a carta, Dodger deslizou sob a escrivaninha, levando-a consigo.

Tomada de fúria, Poppy olhou em volta em busca de *qualquer coisa* com que pudesse cutucar Dodger e obrigá-lo a deixar o esconderijo. Ao ver um candelabro de prata sobre a lareira, tentou retirar a vela, mas ela não saía do lugar e o candelabro estava preso à prateleira.

Diante do olhar atônito de Poppy, toda a parede nos fundos da lareira rodou silenciosamente. Ela se espantou com o apuro mecânico da porta, que girava em um movimento harmonioso e automático. O que parecera ser uma sólida parede de tijolos não passava de uma fachada com textura.

Alegremente, Dodger disparou da escrivaninha e penetrou na abertura.

– Que encrenca – disse Poppy, sem fôlego. – Dodger, não ouse fazer isso!

Mas o furão nem prestou atenção. E, para piorar, ela ouviu o rumor da voz do Sr. Brimbley, que retornava ao escritório.

–... é claro que o Sr. Rutledge deve ser informado. Inclua tudo no relatório. E, por favor, não se esqueça...

Poppy não tinha tempo para refletir sobre suas opções ou as consequências do que iria fazer, então entrou pela lareira e a porta se fechou atrás de si.

Ela estava num lugar quase tomado pela escuridão enquanto aguardava, esforçando-se para ouvir o que acontecia no escritório. Aparentemente, a presença dela não fora notada. O Sr. Brimbley continuava a falar alguma coisa relacionada a relatórios e questões de limpeza e manutenção.

Passou pela cabeça de Poppy que ela talvez precisasse esperar muito tempo até que o supervisor decidisse deixar o cômodo de novo. Ou então teria que encontrar outra saída. Naturalmente ela poderia voltar pela lareira e anunciar sua presença ao Sr. Brimbley. Mas não podia sequer imaginar quantas explicações precisaria dar e como isso seria constrangedor.

Olhando para trás, percebeu que aquilo era um longo corredor, com uma fonte de luz difusa localizada em algum ponto acima. A passagem era iluminada por uma abertura parecida com aquelas que os antigos egípcios utilizavam para ver estrelas e planetas.

Ela podia ouvir o furão arrastando-se em algum lugar próximo.

– Pois bem, Dodger – murmurou ela. – Você nos colocou nessa encrenca. Por que não me ajuda a encontrar uma porta?

Obediente, Dodger avançou pelo corredor e desapareceu nas sombras. Poppy soltou um suspiro e o seguiu. Ela não se permitia entrar em pânico. Havia aprendido, nas muitas vezes em que os Hathaways enfrentaram grandes problemas, que perder a cabeça nunca ajudava a resolver a situação.

Enquanto Poppy avançava pela escuridão, mantinha a ponta dos dedos contra a parede para não perder o equilíbrio. Tinha avançado apenas alguns metros quando ouviu um som de algo raspando. Paralisada, esperou e prestou atenção.

Tudo estava em silêncio.

Mas seus nervos estavam tensos e seu coração começou a bater mais depressa quando ela viu a luz de uma lamparina adiante. Depois a luz se apagou.

Ela não estava sozinha no corredor.

Os passos se aproximaram mais e mais, com a objetividade de um predador. Alguém ia exatamente na direção dela.

*Agora*, decidiu Poppy, era a hora de entrar em pânico. Absolutamente alarmada, deu meia-volta e correu em desespero na direção de onde viera. Ser perseguida por desconhecidos em corredores escuros era uma experiência inusitada até para um dos Hathaways. Amaldiçoou as saias pesadas, erguendo-as

freneticamente enquanto tentava correr. Mas a pessoa que a perseguia era muito ágil.

Poppy soltou um grito ao ser capturada de forma brutal e habilidosa. Era um homem – um homem grande – e ele a prendera de forma que as costas dela formavam um arco contra seu peito. Uma das mãos puxava a cabeça dela com força para o lado.

– Preciso avisar – disse uma voz baixa e arrepiante, próxima à orelha de Poppy – que com um pouquinho mais de pressão eu poderia quebrar seu pescoço. Diga-me seu nome e o que está fazendo aqui.

## CAPÍTULO 2

**P**oppy quase não conseguia pensar em meio ao zumbido de seu sangue correndo acelerado e à dor provocada pelas mãos que a seguravam. O peito do desconhecido era rígido contra suas costas.

– Isso é um engano – ela conseguiu dizer. – Por favor...

Ele puxou sua cabeça ainda mais para o lado, até Poppy sentir um cruel esticar dos nervos na articulação do pescoço com os ombros.

– Seu nome – o homem insistiu gentilmente.

– Poppy Hathaway – arfou ela. – Peço desculpas. Eu não queria...

– Poppy?

A pressão diminuiu.

– Sim. – Por que ele pronunciara seu nome como se a conhecesse? – O senhor é... Deve ser um dos funcionários do hotel...?

Ele ignorou a pergunta. Uma das mãos deslizou levemente sobre os braços e o rosto dela como se procurasse alguma coisa. O coração de Poppy batia como as asas de uma ave pequenina.

– *Não* – Poppy murmurou com a respiração entrecortada, afastando-se do contato.

– Por que está aqui?

Ele a virou de frente para encará-la.

Nenhum conhecido de Poppy jamais a tocara com tanta familiaridade. Estavam suficientemente próximos da luz que vinha do alto para que Poppy conseguisse ver seus traços duros e o brilho dos olhos profundos.

Tentando recuperar o fôlego, ela estremeceu ainda sentindo uma dor intensa no pescoço. Com uma das mãos, massageou a nuca tentando aliviar o desconforto enquanto falava.

– Eu estava... perseguindo um furão. A lareira no escritório do Sr. Brimbley se abriu e ele passou pela abertura. Estava tentando encontrar outra saída.

Por mais absurda que soasse a explicação, o desconhecido pareceu entendê-la sem dificuldades.

– Um furão? Um dos bichinhos de sua irmã?

– Sim – confirmou ela, surpresa. Depois massageou de novo o pescoço e se encolheu de dor. – Mas como sabia... Já nos conhecemos? Não, por favor, não me toque, eu... *ai!*

Ele a virara e apoiara uma das mãos na lateral de seu pescoço.

– Fique quieta.

Era com um toque preciso e seguro que ele a massageava.

– Se tentar fugir de mim, simplesmente vou alcançá-la de novo.

Tremendo, Poppy suportou o contato dos dedos fortes enquanto se perguntava se estaria à mercê de um louco. Ele aumentou a força dos dedos, provocando uma sensação que não era de prazer nem dor, mas uma mistura inusitada dos dois. A garota fez um ruído de sofrimento e se contorceu, indefesa. Para sua surpresa, a dor havia diminuído e os músculos tensos relaxaram aliviados. Ela parou um momento, deu um longo suspiro e deixou a cabeça pender.

– Melhor? – perguntou o homem, usando as duas mãos para continuar a massagem, os polegares pressionando a nuca, escorregando por baixo da renda macia que enfeitava a gola alta do vestido.

Nervosa, Poppy tentou se afastar, mas as mãos seguraram seus ombros imediatamente. Ela pigarreou e tentou dar à voz um tom digno.

– Senhor, por favor, leve-me para fora daqui. Minha família irá recompensá-lo. Não haverá perguntas...

– É claro.

Ele a soltou devagar.

– Ninguém jamais usa esta passagem sem a minha permissão – falou ele. – Presumi que quem estivesse aqui sozinho não devia ter boas intenções.

O comentário lembrava um pedido de desculpas, embora o tom de voz não sugerisse o menor arrependimento.

– Posso garantir que não tinha intenção de fazer nada além de recuperar esse animal atroz.

Ela sentiu Dodger passar perto da barra de suas saias. O desconhecido se abaixou e pegou o furão. Segurando-o pela nuca, entregou-o a Poppy.

– Obrigada.

O corpo do furão se acomodou manso e dócil nas mãos de Poppy. Como já esperava, a carta havia desaparecido.

– Dodger, seu ladrão depravado, onde ela está? O que fez com ela?

– O que está procurando?

– Uma carta – respondeu Poppy, tensa. – Dodge a roubou e trouxe para cá... Deve estar em algum lugar próximo.

– Aparecerá depois.

– Mas é importante.

– Presumo que sim, já que teve todo esse trabalho para tentar recuperá-la. Venha comigo.

Relutante, Poppy concordou e se deixou guiar pela mão em seu cotovelo.

– Aonde vamos?

Não houve resposta.

– Prefiro que ninguém saiba sobre isso – Poppy continuou.

– Certamente que sim.

– Posso contar com sua discrição, senhor? Preciso evitar um escândalo a qualquer preço.

– Mulheres jovens que querem evitar escândalos devem ficar em suas suítes de hotel – ressaltou ele, o que não a ajudou em nada.

– Eu estava perfeitamente contente em meu quarto – protestou Poppy. – Só saí porque tive que perseguir Dodger. Preciso recuperar minha carta. E tenho certeza de que minha família o recompensará pelo trabalho se...

– Quieta.

Ele encontrava o caminho pelo corredor cheio de sombras sem nenhuma dificuldade, segurando o cotovelo de Poppy com delicadeza, mas de um jeito firme. Eles não estavam voltando para o escritório do Sr. Brimbley. Em vez disso, iam em direção contrária, percorrendo uma distância que pareceu interminável.

Finalmente, o desconhecido parou, virou-se de frente para a parede e empurrou uma porta, abrindo-a.

– Entre.

Hesitante, Poppy tomou a frente e entrou em uma sala iluminada, uma espécie de salão com uma fileira de janelas centrais em arco ladeadas por outras, retangulares. Dali era possível ver a rua. Uma pesada mesa de carvalho ocupava um lado da sala e estantes de livros cobriam quase todos os espaços disponíveis nas paredes. Pairava no ar uma mistura estranha e familiar de cheiros... cera de vela, velino, tinta e poeira de livro... Era um cheiro parecido com o do antigo escritório de seu pai.

Poppy olhou para o desconhecido, que havia entrado na sala e fechara a porta oculta.

Era difícil calcular sua idade. Ele parecia ter pouco mais de 30 anos, mas havia nele um ar de sofisticação endurecida, a sensação de que já vira tantas coisas que a vida não o surpreendia mais. Os cabelos eram pesados, bem cortados, negros como a meia-noite, e a pele clara contrastava com as sobrancelhas escuras. E ele era belo como Lúcifer, com sobrancelhas fortes, nariz reto e definido, boca larga. O ângulo do queixo era pronunciado, tenaz, ancorando os traços sóbrios de um homem que talvez levasse tudo – inclusive ele mesmo – um pouco a sério demais.

Poppy se sentiu corar ao olhar para o par de olhos impressionantes... verdes e intensos, com bordas escuras, emoldurados por cílios negros e abundantes. O olhar pareceu invadi-la, absorver cada detalhe. Ela percebeu sombras escuras sob os olhos, mas elas não prejudicavam a beleza de seus traços endurecidos.

Um cavalheiro teria dito alguma amenidade, teria feito algum comentário para tranquilizá-la, mas o desconhecido permaneceu em silêncio.

Por que a olhava desse jeito? Quem era ele e que autoridade tinha nesse lugar?

Poppy precisava dizer algo, qualquer coisa, quebrar a tensão.

– O cheiro dos livros e da cera das velas... – comentou encabulada – lembra o do escritório de meu pai.

O homem deu um passo em sua direção e ela recuou, impelida pelo instinto. Os dois ficaram parados. Foi como se o ar entre eles estivesse coberto de perguntas escritas com tinta invisível.

– Sei pai faleceu há algum tempo, creio.

A voz combinava com o restante. Era refinada, sombria, inflexível. Ele tinha um sotaque interessante, não inteiramente britânico, com vogais abertas e sem erres pesados.

Poppy assentiu, confusa.

– E sua mãe morreu logo depois – acrescentou ele.

– Como... como sabe disso?

– Meu trabalho exige que eu saiba o máximo possível sobre os hóspedes do hotel.

Dodger se contorceu em seus braços. Poppy se abaixou para colocá-lo no chão. O furão se aproximou de uma enorme poltrona ao lado de uma pequena lareira e se acomodou no veludo do estofamento.

Poppy voltou a encarar o desconhecido. Ele se vestia com belas roupas escuras, peças cujo caimento solto sugeria sofisticação. Belos trajes, mas a gravata preta era simples, sem alfinetes, e não havia botões de ouro na camisa nem

outra ornamentação que o proclamasse um cavalheiro de posses. Apenas uma corrente comum de relógio na frente do colete cinza.

– O senhor fala como um americano – disse ela.

– Sou de Buffalo, Nova York – respondeu o homem. – Mas moro aqui há algum tempo.

– É funcionário do Sr. Rutledge? – indagou ela, cautelosa.

A resposta foi um breve movimento afirmativo de cabeça.

– É um dos gerentes, suponho?

Seu rosto era inescrutável.

– Mais ou menos isso.

Ela começou a caminhar para a porta.

– Nesse caso, vou deixá-lo com seu trabalho, senhor...

– Vai precisar de companhia apropriada para voltar à suíte.

Poppy pensou no comentário. Devia pedir a ele que mandasse buscar sua dama de companhia? Não... A Srta. Marks ainda devia estar dormindo. Havia sido uma noite difícil para ela, que era propensa a pesadelos que a deixavam trêmula e exausta no dia seguinte. Não acontecia com muita frequência, mas, quando acontecia, Poppy e Beatrix a deixavam descansar o máximo possível nas horas seguintes.

O desconhecido a contemplou por um momento.

– Devo mandar buscar uma camareira para acompanhá-la?

O primeiro impulso de Poppy foi aceitar. Mas não queria ficar ali esperando com ele, mesmo que só por alguns minutos. Não confiava nem um pouco nesse homem.

Ao ver sua indecisão, ele sorriu com sarcasmo.

– Se tivesse a intenção de molestá-la, já teria feito – disse.

A grosseria a fez corar intensamente.

– Isso é o que diz. Porém, pelo que sei, o ataque poderia ser algo *lento*.

Ele desviou os olhos por um momento e, quando voltou a encará-la, havia um brilho de humor em seus olhos.

– Não corre nenhum perigo, Srta. Hathaway – falou, deixando transparecer o riso contido. – De verdade. Deixe-me mandar buscar uma camareira para acompanhá-la.

O brilho de humor mudou seu rosto, conferindo tanto charme e simpatia que Poppy quase se assustou. Ela sentiu o coração bater acelerado outra vez, espalhando uma sensação agradável por seu corpo.

Quando o viu aproximar-se da sineta, se lembrou do problema envolvendo a carta desaparecida.

– Senhor, enquanto esperamos, poderia fazer a gentileza de procurar a carta que perdi no corredor? Preciso recuperá-la.

– Por quê? – quis saber ele, aproximando-se novamente.

– Motivos pessoais – resumiu Poppy.

– Ela é de um homem?

Ela fez o possível para dar a ele o olhar de reprimenda que vira a Srta. Marks dirigir a cavalheiros inoportunos.

– Isso não é da sua conta.

– Tudo o que ocorre neste hotel é da minha conta.

Ele fez uma pausa enquanto a observava.

– É de um homem, ou teria dito que não.

Franzindo o cenho, Poppy virou as costas para ele. Em silêncio, chegou perto de uma estante coberta por objetos peculiares.

Havia um samovar de esmalte com douração, uma grande faca em uma bainha adornada de contas, coleções de esculturas em pedra e utensílios de cerâmica primitivos, um apoio para cabeça de origem egípcia, moedas exóticas, caixas feitas com todo tipo de material, o que parecia ser uma espada de ferro com uma lâmina enferrujada e uma lente de aumento veneziana para leitura.

– Que sala é esta? – Poppy não conseguiu evitar a pergunta.

– É a sala de curiosidades do Sr. Rutledge. Ele mesmo recolheu muitos desses objetos; outros foram presentes de visitantes estrangeiros. Pode olhar, se quiser.

Poppy estava intrigada, refletindo sobre o grande contingente de estrangeiros entre os hóspedes do hotel, incluindo a realeza, a nobreza e membros dos corpos diplomáticos de toda a Europa. Sem dúvida, o Sr. Rutledge ganhava presentes bem incomuns.

Andando entre as estantes, parou para examinar uma estatueta de prata cravejada de pedras: um cavalo com os cascos estendidos no meio de um galope.

– Que lindo.

– Presente do então príncipe Yizhu da China – disse o homem atrás dela. – É um Cavalo Celestial.

Fascinada, Poppy deslizou um dedo pelo dorso da estátua.

– Agora o príncipe se tornou o imperador Xianfeng – comentou ela. – Um nome bastante irônico para um governante, não acha?

O homem parou ao lado dela e a olhou intrigado e alerta.

– Por que diz isso?

– Porque o nome significa “prosperidade universal”. E esse certamente não é o caso, considerando as rebeliões internas que ele tem enfrentado.

– Eu diria que os desafios da Europa representam um perigo ainda maior para ele no momento.

– Sim – concordou Poppy com tristeza, devolvendo a estatueta ao lugar. – Fico imaginando quanto tempo a soberania chinesa pode durar diante de um ataque dessa magnitude.

O desconhecido estava suficientemente próximo para ela notar o cheiro de roupa passada e de espuma de barbear. Ele a olhava com grande intensidade.

– Conheço poucas mulheres capazes de discutir a política do Extremo Oriente.

Ela sentiu o rosto corar.

– Minha família mantém conversas bem incomuns à mesa do jantar. Quero dizer, são incomuns porque minhas irmãs e eu sempre participamos. Minha dama de companhia diz que não há problema em tomar parte dessas conversas em casa, mas me aconselha a não parecer muito bem informada quando estiver em sociedade. Isso costuma afastar pretendentes.

– Terá que ser cuidadosa, então – respondeu ele num tom suave, sorrindo. – Seria uma pena deixar escapar um comentário inteligente no momento errado.

Poppy se sentiu aliviada quando ouviu uma discreta batida na porta. A criada chegara mais depressa do que ela esperava. O desconhecido entreabriu a porta para recebê-la e lhe falou alguma coisa. A camareira se curvou numa reverência e desapareceu.

– Aonde ela vai? – perguntou Poppy confusa. – Deveria me acompanhar de volta à suíte.

– Eu a mandei buscar uma bandeja de chá.

Por um momento, Poppy ficou sem fala.

– Senhor, não posso ficar para um chá.

– Não vai demorar. Eles mandarão a bandeja por um dos elevadores de comida.

– Isso não importa. Porque, mesmo que eu tivesse tempo, *não poderia!* Tenho certeza de que sabe quanto isso seria inapropriado.

– Quase tão inapropriado quanto se esgueirar pelo hotel sem companhia – concordou ele, tranquilo.

Poppy franziu o cenho.

– Eu não estava me esgueirando, estava perseguindo um furão.

Ao ouvir a própria declaração e se dar conta de quanto era ridícula, ela corou. Tentou adotar um tom mais digno:

– A situação não foi inteiramente causada por mim. E terei *muitos... e sérios... problemas...* se não voltar logo ao meu quarto. Se esperarmos muito mais, pode acabar envolvido em um escândalo e tenho certeza de que o Sr. Rutledge não aprovaria.

– É verdade.

– Então, por favor, chame a camareira de volta.

– Tarde demais. Teremos que esperar até que ela retorne com o chá.

Poppy suspirou.

– Tive uma manhã particularmente *difícil*.

Olhando para o furão, ela viu pedaços de enchimento macio e tufos de crina de cavalo sendo jogados para o alto. Empalideceu.

– Dodger, *não!*

– O que foi? – perguntou o homem, seguindo Poppy em sua corrida aflita em direção ao animal.

– Ele está comendo sua poltrona – respondeu ela com tom tristonho ao pegar o animal. – Ou melhor, a poltrona do Sr. Rutledge. Está tentando fazer um ninho. Eu sinto muito – disse, olhando para o buraco no espesso e luxuoso estofamento de veludo. – Garanto que minha família vai pagar o prejuízo.

– Está tudo bem – respondeu o homem. – Temos um orçamento mensal para reparos no hotel.

Abaixando-se, o que não é fácil para quem está vestindo espartilho apertado e saíotes cheios de goma, Poppy pegou punhados do material macio que estofava a poltrona e tentou colocá-los de volta no buraco.

– Se for necessário, posso assinar uma declaração explicando como isso aconteceu.

– E quanto à sua reputação? – perguntou o desconhecido em tom gentil, estendendo a mão para levantá-la.

– Minha reputação não é nada comparada ao meio de vida de um homem. O senhor pode ser demitido por isso. Deve ter uma família para sustentar, esposa e filhos, e embora eu possa sobreviver à desgraça, o senhor talvez não consiga outro emprego.

– É muita bondade sua – respondeu ele, tirando o furão dos braços da moça e devolvendo-o à poltrona. – Mas não tenho família. E não posso ser demitido.

– Dodger – falou Poppy ansiosa, ao ver que mais tufos de estofamento eram jogados para cima.

Era evidente que o furão se divertia muito.

– A poltrona já está arruinada. Deixe-o continuar.

Poppy se surpreendeu com o conformismo tranquilo do desconhecido diante da ruína de um móvel tão caro, e tudo por causa das travessuras de um furão.

– O senhor não é como os outros gerentes – comentou ela.

– E a senhorita não é como as outras jovens.

A resposta a fez dar um sorriso divertido.

– É o que dizem.

O céu ganhara um tom acinzentado. Uma garoa pesada começara a cair sobre as pedras da rua, eliminando a poeira penetrante que as carruagens levantavam ao passar.

Tomando cuidado para não ser vista da rua, Poppy parou ao lado de uma janela e observou os pedestres se espalharem. Alguns abriam seus guarda-chuvas e continuavam caminhando normalmente.

Vendedores ambulantes lotavam a via pública, anunciando seus produtos com gritos impacientes. Eles vendiam de tudo, de réstias de cebola e carne de caça a bules de chá, flores, fósforos, cotovias e rouxinóis em gaiolas. Esses últimos representavam um problema constante para os Hathaways, porque Beatrix se dispunha a resgatar todo ser vivo que encontrava. Muitas aves haviam sido compradas por seu relutante cunhado, o Sr. Rohan, e libertadas na propriedade que a família mantinha no campo. Rohan costumava dizer que já havia comprado metade da população aviária de Hampshire.

Afastando-se da janela, Poppy viu que o desconhecido havia apoiado um ombro em uma das estantes de livros e cruzado os braços sobre o peito. Ele a observava como se tentasse decidir o que fazer. Apesar de sua postura relaxada, Poppy tinha a enervante sensação de que, se tentasse correr, ele a pegaria em um instante.

– Por que não está comprometida? – perguntou ele com objetividade surpreendente. – Frequenta a sociedade há dois... três anos?

– Três – respondeu Poppy na defensiva.

– Sua família tem recursos. Presumo que tenha um dote generoso para oferecer. Seu irmão é visconde, o que representa outra vantagem. Por que não se casou?

– Sempre faz perguntas pessoais a quem acabou de conhecer? – retorquiu Poppy intrigada.

– Nem sempre. Mas você é... interessante.

Ela pensou na pergunta feita pelo cavalheiro e deu de ombros.

– Não me interessei por nenhum homem que conheci nos últimos três anos. Nenhum deles chamou a minha atenção.

- Que tipo de homem desperta seu interesse?
- Alguém com quem eu possa ter uma vida sossegada, simples.
- Muitas mulheres sonham com agitação e romance.

Ela sorriu com ironia.

- Suponho que eu tenha grande apreço pelas coisas mundanas.
- Já pensou que Londres é o lugar errado para procurar uma vida sossegada e simples?

- É claro. Mas não tenho condições de procurar nos lugares certos.

Devia ter parado depois dessa declaração. Não precisava explicar mais nada. Mas um dos defeitos de Poppy era a paixão pela conversa e, assim como Dodger posto diante de uma gaveta cheia de cintas-ligas, ela não conseguia resistir.

- O problema começou quando meu irmão, lorde Ramsay, herdou o título. O desconhecido levantou as sobrancelhas.

- Isso foi um problema?

- Ah, sim - respondeu Poppy com franqueza. - Nenhum Hathaway estava preparado para isso. Somos primos distantes do antigo lorde Ramsay. O título só foi herdado por Leo por causa de uma série de mortes prematuras. Os Hathaways não tinham nenhum conhecimento de etiqueta, não sabíamos nada sobre o comportamento e as maneiras das classes superiores. Vivíamos felizes em Primrose Place.

Ela parou, lembrando as imagens reconfortantes de sua infância, o alegre chalé com seu teto de sapé, o jardim onde o pai cuidava das roseiras premiadas, os dois coelhos belgas de orelhas caídas que ficavam na coelheira perto da porta dos fundos, as pilhas de livros em todos os cantos. Agora o chalé estava abandonado e em ruínas e o jardim fora tomado pelo mato.

- Mas não se pode voltar no tempo, não é? - continuou ela e se inclinou para espiar um objeto em uma prateleira mais baixa. - O que é isso? Um astrolábio?

Ela pegou o complexo disco de metal com a borda graduada e várias lâminas gravadas.

- Sabe o que é um astrolábio? - perguntou o desconhecido, aproximando-se.

- Sim, é claro. Um instrumento usado por astrônomos e navegadores. E astrólogos também.

Poppy inspecionou o pequeno mapa estelar gravado em um dos discos.

- Este é persa. Deve ter uns quinhentos anos, mais ou menos - concluiu.

- Quinhentos e doze - falou ele devagar.

Poppy não conteve um sorriso satisfeito.

- Meu pai era um estudioso do período medieval. Ele tinha uma coleção desses instrumentos. Até me ensinou a construir um com madeira, barbante e prego.

Ela girou os discos com cuidado.

– Qual é sua data de nascimento? – perguntou.

O desconhecido hesitou antes de responder, como se não gostasse de fornecer informações pessoais.

– Primeiro de novembro.

– Então nasceu sob o signo de escorpião – falou ela, girando o astrolábio em suas mãos.

– Acredita em astrologia? – perguntou o desconhecido com zombaria.

– Por que não?

– Não tem base científica.

– Meu pai sempre me incentivou a tratar esses assuntos com a mente aberta.

Poppy correu a ponta do dedo pelo mapa das estrelas e olhou para o homem com um sorriso tímido.

– Pessoas de escorpião são implacáveis, sabe? Por isso Artemis enviou um deles para matar seu inimigo, Orion. E, como recompensa, ela pôs escorpião no céu.

– Não sou implacável. Apenas faço o que é necessário para alcançar meus objetivos.

– E isso não é ser implacável? – perguntou Poppy rindo.

– Essa palavra implica crueldade.

– E você não é cruel?

– Só quando necessário.

O sorriso da jovem desapareceu.

– Crueldade nunca é necessária.

– Não conhece o mundo, ou não diria isso.

Poppy decidiu não insistir no assunto e se ergueu na ponta dos pés para examinar o conteúdo de outra prateleira. Havia ali uma intrigante coleção de objetos que pareciam brinquedos construídos com folhas de metal.

– O que são essas coisas?

– Autômatos.

– Para que servem?

O desconhecido levantou um braço e pegou um dos objetos de metal pintado, entregando-o a ela.

Segurando a máquina pela base circular, Poppy a examinou com cuidado. Era um grupo de pequenos cavalos de corrida, cada um em sua pista. Vendo a ponta de um cordão em um lado da base, ela o puxou com delicadeza. O cordão pôs em funcionamento uma série de mecanismos internos, incluindo uma engrenagem, que fez os cavalinhos girarem pela pista como se estivessem numa corrida.

Poppy riu, encantada.

– Que inteligente! Queria que minha irmã Beatrix pudesse ver isso. De onde veio?

– O Sr. Rutledge os cria em seu tempo livre. É uma forma de relaxar.

– Posso ver outro?

Poppy estava fascinada com os objetos, que não eram exatamente brinquedos, mas pequenos feitos de engenharia. Havia um almirante Nelson em um navio que balançava, um macaco escalando uma bananeira, um gato brincando com um rato e um domador que estalava o chicote para um leão que balançava a cabeça repetidamente.

Apreciando o interesse de Poppy, o desconhecido mostrou a ela um quadro na parede, uma cena de casais valsando em um baile. Diante de seus olhos arregalados, a imagem ganhou vida e os cavalheiros começaram a conduzir suas damas pela pista.

– Pelos céus! – exclamou Poppy maravilhada. – Como isso é feito?

– É um mecanismo de relógio – explicou ele, removendo o quadro da parede para mostrar a parte de trás, que era aberta. – Aqui está, ligado à engrenagem por aquele eixo. E os pinos movimentam essas alavancas... aqui... que, por sua vez, ativam as outras alavancas.

– Impressionante!

Poppy estava tão entusiasmada que se esquecia de ser reservada ou cautelosa.

– Obviamente, o Sr. Rutledge tem uma fantástica habilidade mecânica. Isso me faz pensar em uma biografia que li recentemente. É sobre Roger Bacon, um frade franciscano da Idade Média. Meu pai era grande admirador do trabalho dele. Bacon fez muitos experimentos mecânicos, o que, é claro, levou algumas pessoas a acusá-lo de feitiçaria. Certa vez ele construiu uma cabeça mecânica de bronze que...

Poppy parou de repente, percebendo que estava falando demais.

– É isso... Está vendo? Isso é o que eu faço nos bailes e reuniões sociais. Essa é uma das razões pelas quais não sou cortejada.

Ele esboçou um sorriso.

– Pensei que esses eventos fossem ideais para se conversar.

– Não para o tipo de conversa que eu gosto de ter.

*Toc, toc, toc.*

Os dois se viraram ao ouvir o barulho. A camareira havia retornado.

– Tenho que ir – falou Poppy com desconforto. – Minha dama de companhia vai ficar muito preocupada se acordar e descobrir que não estou na suíte.

O desconhecido de cabelos escuros a contemplou por algum tempo. Um tempo que pareceu longo demais.

– Ainda não terminamos – avisou ele com surpreendente casualidade.

Como se ninguém jamais recusasse nada a ele. Como se planejasse mantê-la ali pelo tempo que quisesse.

Poppy respirou fundo.

– Mesmo assim, tenho que ir – insistiu ela com calma, dirigindo-se à saída.

O homem chegou ao mesmo tempo que ela e apoiou uma das mãos na porta.

Alarmada, Poppy se virou para encará-lo. Sentiu o sangue correr mais rápido em sua garganta, nos pulsos e na parte de trás dos joelhos. Ele estava muito próximo, o corpo alto e musculoso quase tocando o de Poppy, que se encolheu contra a parede.

– Antes de sair – falou ele num tom manso –, quero lhe dar um conselho. Não é seguro para uma jovem andar sozinha pelo hotel. Não se exponha novamente a esse risco desnecessário.

Poppy ficou tensa.

– Mas é um hotel de respeito – argumentou ela. – Não há nenhum perigo.

– É claro que há. Está olhando para ele.

E antes que ela conseguisse pensar, mover-se ou respirar, ele inclinou a cabeça e tomou sua boca na dele.

Aturdida, Poppy ficou imóvel durante o beijo macio, ardente, tão sutil em sua exigência que ela nem percebeu o momento em que entreabriu os lábios. As mãos dele seguraram seu rosto, erguendo-o.

Um braço a envolveu, puxando seu corpo ao encontro do dele, e sentir aqueles músculos firmes era muito estimulante. Cada vez que inspirava, ela absorvia um aroma provocante, um toque de âmbar e almíscar, roupa engomada e pele masculina. Devia estar se debatendo em seus braços... mas a boca era terna, persuasiva e erótica... fazia promessas e alertava do perigo. Os lábios deslizaram até seu pescoço e encontraram a veia pulsante, deslizaram lentamente, sobrepondo sensações como camadas de renda sedosa, até que ela estremeceu e arqueou as costas, afastando-se.

– Não – disse com voz fraca.

O desconhecido segurou seu queixo com delicadeza, mas forçando-a a encará-lo. Os dois ficaram parados. Quando Poppy encontrou o olhar ardente, viu neles um lampejo de ressentimento contido, como se ele acabasse de fazer uma descoberta indesejada.

Depois de soltá-la com grande cuidado, ele abriu a porta.

– Pode trazer – disse à camareira, que esperava do outro lado com uma grande bandeja de prata.

A criada obedeceu rapidamente, bem treinada demais para demonstrar curiosidade com relação à presença de Poppy na sala.

O desconhecido foi buscar Dodger, que havia adormecido em sua poltrona, e o entregou à moça. Ela pegou o furão com um murmúrio sem sentido e o aninhou nos braços. Os olhos do furão permaneciam fechados, as pálpebras completamente escondidas pela mancha negra que desenhava uma máscara acima do focinho. Ela sentia as batidas do pequenino coração nos dedos, o pelo branco e acetinado embaixo da camada externa de pelagem mais grossa e protetora.

– Deseja mais alguma coisa, senhor? – perguntou a criada.

– Sim. Quero que acompanhe a jovem até sua suíte. E volte para me informar quando ela for entregue em segurança.

– Sim, Sr. Rutledge.

*Sr. Rutledge?*

Poppy sentiu o coração parar. Ela olhou para o desconhecido. O brilho nos olhos verdes foi diabólico. Ele pareceu se divertir com seu choque evidente.

Harry Rutledge... o misterioso e recluso proprietário do hotel. Totalmente diferente do que ela havia imaginado.

Perplexa e mortificada, Poppy lhe deu as costas, atravessou a soleira e ouviu a porta se fechar atrás de si. A tranca deslizou com um estalo. Ele devia ser muito perverso para se divertir à sua custa! Seu consolo era pensar que nunca mais o veria.

E ela seguiu pelo corredor com a camareira... sem suspeitar que o curso de sua vida havia acabado de mudar.

## CAPÍTULO 3

**H**arry olhava para o fogo na lareira.

– Poppy Hathaway – sussurrou ele, como se fosse um encantamento.

Vira a jovem de longe duas vezes, uma quando ela entrava em uma caruagem na frente do hotel e a outra em um baile que ele havia oferecido no Rutledge. Ele não comparecera ao evento, mas ficara observando por alguns minutos de um ponto privilegiado em um balcão do andar superior. Apesar de sua beleza e dos cabelos cor de mogno, não havia pensado nela depois disso.

Encontrá-la pessoalmente, porém, causara uma transformação.

Harry foi se sentar em uma poltrona e notou o veludo rasgado e os pedaços de estofamento deixados pelo furão.

Um sorriso relutante distendeu seus lábios quando ele se dirigiu a outra cadeira.

Poppy. Como agira de forma natural, falando de astrolábios e monges franciscanos enquanto examinava seus tesouros. Suas palavras eram jorros brilhantes, como confete no ar. Ela irradiava um tipo de astúcia animada que devia ser irritante, mas, em vez disso, causara nele um prazer inesperado. Havia algo nela, alguma coisa... Era o que os franceses chamavam *esprit*, uma vivacidade de mente e espírito. E aquele rosto... inocente, cheio de conhecimento e franqueza.

Ele a desejava.

Normalmente, Jay Harry Rutledge conseguia as coisas antes mesmo de perceber que as queria. Em sua rotina corrida e bem regulada, as refeições eram servidas antes que sentisse fome, as gravatas eram substituídas antes que exibissem sinais de desgaste, relatórios eram postos sobre sua mesa antes que os pedisse. E as mulheres estavam em todos os lugares, sempre disponíveis, e cada uma delas dizia apenas o que achava que ele queria ouvir.

Harry sabia que já passava da hora de se casar. Ou pelo menos era o que a maioria de seus conhecidos lhe dizia, ainda que ele suspeitasse de a motivação deles ser o fato de haverem todos se enforcado e agora lhe desejarem o mesmo. Não se entusiasmava com a ideia. Mas Poppy Hathaway era interessante demais para que ele pudesse resistir.

Enfiando a mão na manga esquerda do casaco, Harry pegou a carta de Poppy. Havia sido enviada a ela por Michael Bayning. Ele pensou no que sabia sobre o jovem. Bayning se formara em Winchester, onde havia se saído bem devido à sua natureza estudiosa. Diferente de outros jovens na universidade, Bayning jamais contrairá dívidas, nem se envolvera em escândalos. Várias mulheres eram atraídas por sua boa aparência e, mais ainda, pelo título e pela fortuna que ele herdaria algum dia.

Intrigado, começou a ler a carta.

*Querido amor:*

*Enquanto refletia sobre nossa última conversa, beijei o lugar em meu pulso onde suas lágrimas caíram. Como pode duvidar de que choro as mesmas lágrimas todos os dias e todas as noites que passamos separados? Você tornou impossível, para mim, pensar em alguém ou alguma coisa que não seja você. Enlouqueço ardendo por você, não duvide disso.*

*Se tiver só mais um pouco de paciência, em breve encontrarei a oportunidade para falar com meu pai. Quando ele entender quanto eu a adoro, sei que dará seu consentimento para a nossa união. Somos muito próximos, meu pai e eu, e ele já demonstrou que deseja me ver tão feliz no casamento quanto ele foi com minha mãe, que Deus a tenha. Ela teria gostado muito de você, Poppy... de sua natureza sensível, feliz, de seu amor pela família e pelo lar. Queria que ela estivesse aqui para me ajudar a persuadir meu pai de que não pode haver melhor esposa para mim do que você.*

*Espera por mim, Poppy, como eu a espero.*

*Continuo, como sempre, eternamente encantado por você,*

*M*

Um suspiro baixo, de desdém, escapou de Harry. Ele olhou para a lareira, o rosto inexpressivo, a mente ocupada por planos. Uma tora de madeira se partiu e um pedaço dela se chocou contra a grade com um barulho abafado, espalhando mais calor e fagulhas brancas. Bayning queria que Poppy o esperasse? Impensável, agora que cada célula do corpo de Harry carregava um desejo impaciente.

Dobrando a carta com o cuidado de um homem que lida com notas de valor elevado, Harry a guardou no bolso do casaco.



De volta à segurança da suíte da família, Poppy deixou Dodger no lugar onde ele mais gostava de dormir, uma cesta que sua irmã Beatrix havia forrado com tecido macio. O furão continuava adormecido, o corpo mole como um pedaço de pano.

Em pé, ela se apoiou na parede e fechou os olhos. Um suspiro brotou de seu peito.

Por que ele havia feito aquilo?

Mais importante, por que ela permitira?

Não era assim que um homem devia beijar uma moça inocente. Poppy estava mortificada por ter se envolvido em tal situação e ainda mais por haver exibido um comportamento que teria criticado em outra pessoa. Tinha toda a segurança em relação a seus sentimentos por Michael.

Por que, então, correspondera a Harry Rutledge daquele jeito?

Poppy gostaria de poder perguntar a alguém, mas o instinto lhe dizia que esse era um assunto que seria melhor esquecer.

Apagando a preocupação do rosto, ela bateu na porta do quarto da dama de companhia.

– Srta. Marks?

– Estou acordada – respondeu uma voz cansada.

Poppy entrou no pequeno dormitório e a encontrou vestida com sua camisola, em pé diante do lavatório.

A Srta. Marks estava com uma aparência horrível: pálida, com os olhos azuis cercados por olheiras. Os cabelos castanho-claros, normalmente trançados e presos num coque impecável, estavam soltos e embaraçados. Depois de esvaziar um envelope de polvilho medicinal sobre a língua, ela bebeu um gole de água.

– Oh, céus – gemeu Poppy. – Em que posso ajudar?

A Srta. Marks balançou a cabeça e se encolheu.

– Em nada, Poppy. Obrigada, é muita bondade sua perguntar.

– Mais pesadelos?

Foi com preocupação que Poppy observou a serviçal se dirigir à cômoda e vasculhar uma gaveta em busca de meias, ligas e roupas íntimas.

– Sim. Eu não devia ter ido dormir tão tarde. Peço desculpas.

– Não há de que se desculpar. Só lamento que não tenha sonhos mais agradáveis.

– Eles são agradáveis, na maior parte do tempo – garantiu-lhe a Srta. Marks, com um sorriso sem entusiasmo. – Meus melhores sonhos são os que me levam de volta a Ramsay House, com as flores desabrochando e os pássaros fazendo ninhos nas cercas vivas. Tudo tranquilo e seguro. Como sinto saudades disso.

Poppy também sentia falta de Ramsay House. Londres, com todas as diversões e prazeres sofisticados, não se comparava a Hampshire. E ela estava ansiosa para ver a irmã mais velha, Win, cujo marido, Merripen, administrava a propriedade.

– A temporada de eventos sociais está quase acabando – disse Poppy. – Logo voltaremos para lá.

– Se eu sobreviver até esse dia – resmungou a Srta. Marks.

Poppy sorriu, solidária.

– Por que não volta para a cama? Vou buscar uma compressa fria para sua cabeça.

– Não, não posso me entregar desse jeito. Vou me vestir e beber uma xícara de chá forte.

– Foi o que eu imaginei que diria – comentou Poppy, bem-humorada.

A Srta. Marks havia sido criada no mais clássico temperamento britânico e desconfiava profundamente de todas as coisas sentimentais ou carnavais. Era uma mulher jovem, pouco mais velha que Poppy, com uma compostura sobrenatural que lhe permitia encarar qualquer desastre, fosse ele divino ou provocado pelo homem, sem hesitar. A única vez que Poppy a vira perturbada fora na companhia de Leo, o irmão das Hathaways, cuja atitude sarcástica parecia irritá-la além do suportável.

Dois anos antes, a Srta. Marks fora contratada como governanta, não para complementar a educação formal das meninas, mas para lhes ensinar a infinita variedade de regras destinadas às jovens que desejavam escapar dos perigos da alta sociedade. Agora sua posição era de dama de companhia.

No início, Poppy e Beatrix se intimidaram diante do desafio de aprender tantas regras sociais.

“Vamos transformar tudo isso em um jogo”, havia sugerido a Srta. Marks, e escrevera uma série de poemas para as meninas decorarem.

Por exemplo:

*Se uma dama você quer ser,  
Comportamento formal é preciso ter,  
Quando se sentar para jantar,  
O bife de “carne” não deve chamar  
Gesticular com a colher, não,  
Nem usar o garfo como se fosse um arpão  
Por favor, não brinque com a comida,  
E tente falar baixo, com a voz contida.*

Com relação a passeios em vias públicas:

*Na rua você não deve correr,  
E se um estranho conhecer,  
Não se dirija diretamente à pessoa,  
Peça à sua acompanhante, é a melhor escolha.  
Quando passar por barro, quero pedir,  
Não levante as saias para as pernas exhibir  
Em vez disso, puxe-as só um pouco para cima e à direita,  
Mantendo o tornozelo coberto, é a coisa certa a ser feita.*

Para Beatrix havia versos especiais:

*Quando fizer visitas, usar luvas e chapéu como aparato,  
E nunca levar um esquilo ou rato,  
Nem outras criaturas de quatro patas  
que jamais seriam convidadas.*

A abordagem nada convencional havia funcionado, dando a Poppy e Beatrix confiança suficiente para participarem da temporada de eventos sociais sem caírem em desgraça. A família havia enaltecido a astúcia da Srta. Marks. Todos, exceto Leo, que lhe dissera em tom sarcástico que nenhuma grande poetisa precisaria temer perder seu lugar para ela. E a Srta. Marks respondera que duvidava que Leo tivesse aptidão mental suficiente para julgar os méritos de qualquer tipo de poesia.

Poppy não conseguia entender por que a acompanhante e seu irmão demonstravam tanto antagonismo um com o outro.

“Acho que eles se gostam em segredo”, sugerira Beatrix em tom neutro.

A ideia havia causado tamanha perplexidade em Poppy que ela rira.

“Eles travam uma *guerra* sempre que estão no mesmo espaço, o que, graças a Deus, não acontece com frequência. De onde tirou essa ideia?”

“Bem, se considerar os hábitos de acasalamento de certos animais, como os furões, por exemplo, vai ver que eles envolvem confronto, rispidez e...”

“Bea, por favor, não fale em hábitos de acasalamento”, Poppy a interrompera, tentando conter o riso. Sua irmã de 19 anos tinha uma eterna e alegre falta de consideração pelo recato. “Tenho certeza de que é vulgar e... Como aprendeu sobre hábitos de acasalamento?”

“Livros de veterinária, basicamente. Mas também testemunhei alguns momentos. Os animais não são muito discretos, sabe?”

“Suponho que não. Mas guarde esses pensamentos para você, Bea. Se a Srta. Marks a ouvir, vai escrever outro poema e nos fará decorá-lo.”

Bea a encarara por um momento com seus inocentes olhos azuis.

“Jovens damas nunca devem contemplar... a forma de um animal procriar...”

“... ou sua dama de companhia pode se irar”, Poppy havia concluído por ela. Beatrix rira.

“Bem, não vejo por que eles não podem se sentir atraídos um pelo outro. Leo é um visconde, é bonito, e a Srta. Marks é inteligente e bonita.”

“Nunca ouvi Leo dizer que queria se casar com uma mulher inteligente”, respondera Poppy. “Mas concordo: a Srta. Marks é muito bonita. E agora ficou ainda mais atraente. Antes era muito magra e pálida, tanto que nunca parei para pensar em sua aparência. Mas ela encorpou um pouco.”

“Ganhou pelo menos uns 5 quilos”, confirmara Beatrix. “E parece mais feliz. Quando a conhecemos, ela devia estar saindo de uma terrível experiência.”

“Foi o que pensei também. Será que algum dia saberemos o que aconteceu?”

Poppy não poderia imaginar a resposta para essa questão. Mas ao olhar para o rosto cansado da Srta. Marks essa manhã, começou a acreditar que os pesadelos recorrentes podiam ter alguma relação com seu passado misterioso.

Aproximando-se do guarda-roupa, viu a fileira de vestidos em cores sóbrias, com golas e punhos brancos e delicados, limpos, passados e bem organizados.

– Que vestido quer que eu pegue? – perguntou em tom suave.

– Qualquer um. Não faz diferença.

Poppy escolheu um azul-escuro de sarja de lã e o estendeu sobre a cama desarrumada. Discreta, desviou o olhar quando a dama de companhia despiu a camisola e vestiu camisa, calcinha e meias.

A última coisa que Poppy queria era incomodar a Srta. Marks quando ela estava com dor de cabeça. Porém, os acontecimentos daquela manhã tinham que ser relatados. Se algum detalhe ou insinuação de sua desventura envolvendo Harry Rutledge viesse à tona, melhor seria que sua dama de companhia estivesse preparada.

– Srta. Marks – falou ela com cuidado –, não quero piorar sua dor de cabeça, mas tenho algo para lhe dizer...

Sua voz sumiu quando a mulher a olhou por um instante com ar de dor.

– O que é, Poppy?

Esse não era um bom momento, decidiu a jovem. Na verdade... seria mesmo obrigada a revelar o ocorrido, fosse nesse ou em outro momento? Provavelmente, nunca mais veria Harry Rutledge. Estava certa de que ele não frequentava os mesmos eventos sociais que os Hathaways. E, francamente, por que ele se daria o trabalho de causar problemas a uma garota que nem era digna de sua atenção? Ele não tinha nada a ver com seu mundo, nem ela com o dele.

– Derrubei alguma coisa no corpete de meu vestido de musselina há algumas noites, durante o jantar – improvisou Poppy. – Tem uma mancha de gordura nele.

– Oh, céus! – exclamou a Srta. Marks, interrompendo por um instante a amarração do espartilho. – Vamos preparar uma solução de raspas de chifre de veado e passar no tecido. Espero que a mancha saia.

– Ótima ideia.

E, sentindo-se só um pouquinho culpada, Poppy pegou a camisola da Srta. Marks e a dobrou.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)